

Não te esqueças de viver!

com Maria Filomena Molder

Fotografia de Jorge Molder da série
O suave fazer de preto e branco. 1962/85



8 de fevereiro

“Ó cousas tão vãs, tão mudaves,
Qual é tal coração qu’em vós confia?”

15 de fevereiro

“Primeiro: continuar. Segundo:
começar”.

22 de fevereiro

“Caminha melhor quem menos coisas
transporta”

29 de fevereiro

“Não te esqueças de viver!”

Não te esqueças de viver é o título da última obra (2008) de Pierre Hadot. O seu subtítulo – *Goethe e a tradição dos exercícios espirituais* – servirá de guia a estas quatro conferências. Cada uma delas pretende ser o desenvolvimento de alguns exercícios espirituais, inscrevendo-se na tradição referida por Hadot, mas também acrescentando variantes ou mesmo novos exercícios.

No seu ensaio *Da Fisionomia*, Montaigne comenta a frase de Cícero: *a vida inteira dos filósofos é um estudo da morte*, nestes termos: «Mas sou da opinião de que [a morte] é o fim, mas não a finalidade da vida; é o seu fim, a sua extremidade, não porém o seu objecto. A vida deve ser para si mesma o seu objectivo, o seu desígnio [...]».

Aqui, estamos na última página do texto “Mors certa hora incerta”, capítulo da derradeira obra de Fernando Gil, *Acentos* (2005), na qual, contrariando as evidências da racionalidade moderna, a contingência da vida humana com o seu cortejo de incertezas, a vida irrepetível, é celebrada pela atenção a formas decisivas do agir humano, como sejam, crer e confiar, traçando o movimento que vai de se perceber agarrado à vida até à aceitação da vida, que inclui a experiência da saudade daquilo que é perecível, na qual culmina a aceitação.

Esse movimento é uma forma de heroísmo que surpreendemos nos autores que nos vão ocupar, Fernando Gil e Pierre Hadot/Goethe, a que se associam Alain, Nietzsche, Wittgenstein, Emerson, Montaigne. Sá de Miranda, Joaquim Manuel Magalhães e Agustina providenciam as fontes poéticas.

“Caminha melhor quem menos coisas transporta”

Partimos do exercício wittgensteiniano, que consiste no esforço – sustentado num saber tácito, a paisagem de que fazemos parte – em não recuar para trás do começo, em vista de esclarecer o que está em causa no presente título: “Caminha melhor quem menos coisas transporta”, exortação para deixar cair aquilo que pesa, o que tornará o passo mais leve.

Porém, logo um segundo esclarecimento se acrescenta. “Caminha melhor quem menos coisas transporta” é a alteração/redução, provocada pela memória e pela confiança nela, de *Mais se move o que menos tem:/mais avança o menos carregado*, versos do poema “Oitavo” do livro *Pelos Caminhos da Manhã* (1977), que o autor, o poeta Joaquim Manuel Magalhães, conjuntamente com muitos outros versos, poemas e livros, excluiu e/ou substituiu em 2010, ano da publicação da sua única

obra (ia a dizer última), *Um toldo vermelho*. Observam-se aqui os efeitos dos actos de riscar, emendar e lamber em Sá de Miranda. E ainda outros para os quais não há pai nem mãe, embora sejam parentes. Menos ter e menos se fazer pesado talvez sejam acessos a esses outros actos.

Aprender a separar-se é seguramente uma arte que lhes é afim. Por exemplo, deixar cair a pergunta metafísica do porquê do ser em vez do nada, como o decide fazer Fernando Gil, ou o modo de Nietzsche conceber o *pathos* da distância, que lhe permite livrar-se da perseguição de muitos fantasmas metafísicos.

Antifonte, o sofista, dá-nos a ver a angústia que ataca os que não conseguem deixar cair: “Há alguns que trabalham, economizam, sofrem privações e acumulam património, experimentando assim tanto prazer quanto se pode imaginar que experimentem. Mas quando se separam do dinheiro e o utilizam, sofrem como se se separassem da própria carne”. (tradução Maria José Vaz Pinto)

Maria Filomena Molder escreve de acordo com a antiga ortografia.

Maria Filomena Molder é professora catedrática aposentada, FCSH, UNL. Últimas publicações: *Símbolo, Analogia e Afinidade*, Vendaval, 2009. *O Químico e o Alquimista. Benjamin, Leitor de Baudelaire*, Relógio d’Água, 2011 – Prémio Pen-Club 2012 para Ensaio. *As Nuvens e o Vaso Sagrado*, Relógio d’Água, 2014.

SEGUNDAS-FEIRAS 8, 15, 22 E 29 DE FEVEREIRO · 18H30 · GRANDE AUDITÓRIO